

A PEDRA LASCADA DOS ÍNDIOS GUARANI, PRÉ-HISTÓRICOS, A PARTIR DE UMA ANÁLISE TECNOLÓGICA.

LUZ, J.A.R.¹
FACCIO, N.B.²

1. Introdução

Os índios da tradição guarani são povos conhecidos pela prática da agricultura e confecção da cerâmica. Poucos estudos foram realizados sobre a função da pedra lascada desses grupos, principalmente por creditarem a ela ausência de técnica elaborada. Nesse contexto, realizamos um estudo sobre peças líticas lascadas de grupos horticultores-ceramistas que habitaram o vale do Paranapanema, lado paulista, em período pré-histórico, com o objetivo de conhecer características tecnológicas e funcionais dos líticos lascados de tais grupos.

Foram analisadas peças da mancha 2 do Sítio Arqueológico Piracanjuba, localizado no Município de Piraju, Estado de São Paulo e peças do Sítio Arqueológico Ragil II, localizado no município de Iepê, Estado de São Paulo. As indústrias líticas desses sítios foram analisadas segundo a metodologia tecnológica de cadeia operatória. A realização de uma pesquisa, em fontes etnográficas, sobre os índios guarani ajudou a esclarecer aspectos sobre a escolha do território, a alimentação e utilização dos artefatos desses grupos.

2. Metodologia

As peças líticas foram analisadas de acordo com as categorias de análise, apresentadas por Moraes (1983), Fogaça (2001) e Viana (2005): análise dos suportes transformados (instrumentos funcionais com e sem retoque); análise dos núcleos e análise dos detritos de lascamento (subprodutos da fabricação de instrumentos). Na análise e descrição das peças procuramos levar em conta para cada uma destas categorias: o valor informativo da categoria; o estado de conservação do material de cada categoria e a quantidade de peças em cada categoria.

Atualmente os estudos das indústrias líticas, de grupos pré-históricos, estão voltados para análises tecnológicas. Noelli e Dias (1995) esclarecem que, anteriormente, a classificação tradicional de artefatos líticos levava em conta os aspectos tipológicos que associavam a morfologia à funcionalidade. Essa abordagem começou a se modificar no final da década de 1950, quando os vestígios de utilização passaram a ter destaque essencial nas análises. “Nas últimas décadas o desenvolvimento desses estudos propiciou a construção de uma metodologia capaz de qualificar com maior precisão os vestígios de uso associados a diferentes categorias de instrumentos” (NOELLI e DIAS, 1995, p.10).

Roger Grace (1996) expõe que a diferença fundamental entre tecnologia e tipologia é que a abordagem tecnológica engloba todo o processo da história de vida do material lítico, desde os nódulos básicos até os resíduos. “A tecnologia é de redução primária e tipologia secundária” (GRACE, 1996, p.9). De acordo com o autor a tipologia tem sido freqüentemente substituída por modelos de comportamento que se preocupam mais como o instrumento foi feito, usado, remodelado, reciclado e finalmente jogado fora.

¹ Aluna de pós-graduação do MAE-USP, juliluzz@yahoo.com.br;

² Professora Doutora do Departamento de Planejamento, Arquitetura e Ambiente, da Universidade Estadual Paulista, nfaccio@terra.com.br

“Critérios tecnológicos de observação dos objetos arqueológicos não só permitem tratar problemas novos (na esfera das dinâmicas culturais), como possibilitam – o que talvez seja hoje mais importante – reconstituir os cenários históricos” (FOGAÇA, 2003, p. 159).

Fogaça (2006), de acordo com Boeda (1997), esclarece que para o estudo dos objetos líticos uma definição de técnica simples pode ser o suficiente: “corresponde à ação e aos meios necessários para se obter uma retirada de um núcleo ou de um suporte” (Boeda, 1997 apud FOGAÇA, 2006). Acrescenta que o gesto técnico é predeterminante, ou seja, toda retirada é planejada podendo, eventualmente, acontecer acidentes que podem ou não ser superados. Do gesto técnico realizado o resultado esperado é simples: que o objeto funcione de acordo com o que foi predeterminado, pelo artesão, para suprir determinada necessidade do grupo.

Grace (1996) expõe que no enfoque tecnológico as ferramentas devem ser interpretadas como objeto final de algum modelo mental, feito de acordo com uma forma pré-estabelecida. Deste modelo mental posto em prática, devemos remontar a seqüência operacional que vai desde a procura da matéria-prima até as técnicas de redução primária (a redução de nódulos a núcleos), redução secundária (a remoção de lascas iniciais do núcleo e a manufatura de ferramentas com retoque), o uso das ferramentas e o descarte dos artefatos.

“A reconstrução das cadeias operatórias (como foi feito, o que foi feito) revela uma série de procedimentos que são determinados pelo universo tecnológico de seus agentes (por que foi feito, como foi feito, o que foi feito)” (FOGAÇA, 2003, p. 65). O autor defende que essa série de procedimentos deve ser colocada na sua ordem, através da identificação dos vestígios de lascamento presente nas peças:

Pelas próprias características físicas do lascamento os instrumentos líticos preservam estigmas cronologicamente organizados que testemunham – com maior ou menor riqueza de detalhes – as etapas de transformação desses objetos. As inferências feitas pela análise dessa categoria podem ser confrontadas com aquelas resultantes das outras análises: de núcleos, lascas de debitage, de retoque etc. Paralelamente, a matéria-prima oferece elementos para a identificação de sua origem, primária ou não. Esses elementos seriam as primeiras pistas para prospecção de fontes de abastecimento e para a abordagem inicial dos detritos de lascamento associados nas camadas arqueológicas (FOGAÇA, 2003, p. 153).

No âmbito da cadeia operatória, Dias e Hoeltz (1997), apresentam as etapas de ações do artesão (ao que dão o nome de contexto cultural) da seguinte forma: 1. aquisição de matéria-prima; 2. redução inicial ou preparação de núcleos; 3. modificação primária; 4. modificação secundária ou refinamento (retoque); 5. uso; 6. reciclagem para modificação ou manutenção de artefatos alterados pelo uso e 7. abandono do artefato.

Posteriormente, Hoeltz (2005) definiu que os estágios de uma cadeia operatória são constituídos por: aquisição de matéria-prima; seqüências de lascamento e gerenciamento ou uso, manutenção e descarte dos instrumentos.

O estudo da **aquisição de matéria-prima** é relevante porque pode determinar os tipos de matérias-primas trazidas e utilizadas em um sítio. Nesse estudo, Hoeltz (2005), de acordo com Boeda (1990), expõe que se deve levar em conta os seguintes aspectos: a acessibilidade à matéria-prima, as características das mesmas e a organização espacial das atividades técnicas ligadas à sua aquisição.

Para entender a escolha da matéria-prima mais freqüente é preciso investigar a abundância da matéria-prima local, bem como a sua qualidade funcional e de lascamento. A energia e o tempo gastos para se obter e lascar essa matéria-prima são, portanto, fatores essenciais para o entendimento de sua escolha.

O estudo das **seqüências de lascamento** demanda diferentes estratégias. Hoeltz (2005), baseia-se em Perlès (1992) que definiu as seguintes estratégias:

- *Disponibilidade de matéria-prima e produção no sítio*: a quantidade, a qualidade e o custo na aquisição da matéria-prima são indissociáveis e determinantes para o resultado do instrumento desejado. A má qualidade da matéria-prima leva a uma produção não intensiva. Mas

se a matéria-prima é de boa qualidade os instrumentos são intensamente utilizados, reutilizados, reciclados e transformados em pequenos resíduos aproveitáveis;

- *Restrições técnicas*: alguns objetos como instrumentos idealizados demandam maior investimento técnico e restrições podem ser impostas sobre a forma do núcleo;
- *Necessidades funcionais*: a função irá determinar o emprego de retoques ou a produção de suportes de uma forma predeterminada;
- *Necessidades de manutenção do instrumento*: a manutenção dos instrumentos requer modificações na parte ativa do instrumento, mais do que em sua forma;
- *Facilidade de transporte*: a facilidade no transporte de equipamentos básicos deve ser uma vantagem predeterminada;
- *Tradição e contexto cultural*: as tradições técnicas associadas a outros fatores mantidos constantes, podem levar a variações estilísticas entre os grupos.

O estudo do **gerenciamento ou uso, manutenção e descarte dos instrumentos** é considerado o último passo para a compreensão de um sistema tecnológico. Nesse estágio Hoeltz expõe que os instrumentos podem ser utilizados diretamente após sua fabricação ou manufaturados para suprir necessidades futuras e serem utilizados após um período considerável.

A manutenção após o uso pode acontecer quando a reavivagem do instrumento for mais vantajosa que a produção de um novo artefato. Mas se não houver possibilidades de o instrumento continuar adequado ao uso não há porque realizar sua manutenção. Nesse processo de escolha entre reavivar ou descartar o instrumento o custo (energia e tempo gastos) e o valor simbólico do instrumento são os principais fatores levados em conta.

3. Resultados

Após a análise das indústrias líticas dos Sítios Arqueológicos Piracanjuba e Ragil II, realizamos uma análise comparativa dos resultados, procurando reconhecer as semelhanças e diferenças, da tecnologia de lascamento empregada, entre os grupos horticultores-ceramistas. Para isso, apresentamos brevemente, uma síntese das ocorrências verificadas em cada uma das indústrias líticas.

A indústria lítica do Sítio Arqueológico Piracanjuba apresentou peças lascadas com as matérias-primas sílex, arenito silicificado e calcedônia. Ao observar pela primeira vez, o conjunto da indústria, pensamos que as diferentes matérias-primas correspondessem a atuação de diferentes cadeias operatórias, dado a diferença de morfologia das peças. As peças em sílex foram predominantes no conjunto, apresentando desde seixos brutos aptos ao lascamento, a núcleos, resíduos e lascas com gumes cortantes. O arenito silicificado foi freqüente em algumas lascas com retoques e poucos núcleos. A calcedônia foi presente apenas em poucas lascas de debitagem.

O resultado da análise das peças do Sítio Piracanjuba, demonstrou o gume cortante em todas as peças. O sílex apresentou o gume com freqüência, dispensando o retoque em lascas debitadas sem maiores refinamentos. As lascas de arenito silicificado e calcedônia também apresentaram gume cortante, no entanto, receberam pequenos retoques nas bordas para obedecer tal atributo. Com base nesses indícios, inferimos que essas peças poderiam estar sendo usadas numa área de cozinha com a função de facas.

A indústria lítica do Sítio Arqueológico Ragil II apresentou peças confeccionadas em sílex, arenito silicificado e calcedônia. Das matérias-primas citadas, o arenito silicificado esteve presente na maioria dos casos. Nessa indústria, predominou a presença de seixos e blocos brutos de grandes dimensões e peso, além de núcleos com negativos de lascamento, com as mesmas características dos seixos mencionados.

A pequena quantidade de lascas, presente na coleção nos levou a hipótese de que o conjunto analisado foi retirado de uma oficina de lascamento, onde os núcleos estavam sendo debitados. As lascas debitadas e os possíveis instrumentos finalizados podem ter sido levados junto com o artesão para o local de utilização. Mesmo as lascas que podem ter sido descartadas, nesse local, apresentaram gume cortante e retoque nas peças confeccionadas com o arenito silicificado.

A partir das análises, podemos notar que nas indústrias, dos sítios analisados, foram produzidas lascas de debitagem, aparentemente simples em relação a sua morfologia, com

gumes cortantes. Os seixos foram os suportes privilegiados para o lascamento. Nos Sítios Piracanjuba e Ragil II, as matérias-primas utilizadas foram: o sílex, o arenito silicificado e a calcedônia. Em todos os sítios, os núcleos de sílex demonstraram maior índice de retiradas, que os de arenito silicificado.

O retoque aparece poucas vezes, associado à matéria-prima arenito silicificado e calcedônia. O sílex parece ter sido a matéria-prima privilegiada, pois dispensou o trabalho do retoque. Nas lascas de sílex a debitagem, aparentemente pré-determinada por ângulos de retirada, foram o suficiente para dar a propriedade de gume cortante às peças. A lasca cortical foi uma constante em todas as indústrias analisadas. Essa frequência aumentou no Sítio Ragil II.

O gume cortante nas peças foi a característica unânime mais marcante das indústrias em questão. Peças com potencial para cortar e raspar foram registradas na análise dos três sítios. Essas, de acordo com a pesquisa em fontes etnográficas, eram funções necessárias para o preparo dos alimentos presentes na dieta alimentar dos índios guarani.

A partir da pesquisa bibliográfica, apresentamos as funções dos artefatos guarani, descritas em fontes escritas. Schmitz e Gazzaneo (1991), e Prous (1992) relataram o uso de facas com frequência no cotidiano desses povos. Noelli e Dias (1995) apresentaram, entre outras, as funções de cortar e raspar aos instrumentos líticos lascados dos índios guarani.

Cortar estava relacionado a dividir ou partir pela metade alguma coisa. Os instrumentos de gume cortante designavam o ato de cortar por incisão ou esfregando. Raspar estava relacionado ao ato de remover perpendicularmente partes da superfície que está sendo transformada.

Peças para cortar, como facas, estavam diretamente ligadas ao processo de transformação dos vegetais e das carnes dos animais.

Nesse contexto, a análise comparativa entre os sítios e a analogia com a alimentação guarani, demonstra que as peças analisadas, nessa pesquisa, foram produzidas para suprir a necessidade de preparação de seus alimentos.

Constatamos nessas análises fato parecido ao que De Blasis (1996) observou, em seus estudos no bairro da Serra da Mesa, quando relatou que “a indústria lítica neles presente é, tanto de uma perspectiva tecnológica quanto no que diz respeito a distribuição dos tipos dos utensílios, perfeitamente similar por toda a região” (DE BLASIS, 1996, P. 94). Por isso, adotamos para a região do vale do Paranapanema paulista a tese de que os dois sítios analisados são integrantes de um mesmo padrão cultural, produzido por um mesmo grupo partilhando a mesma tecnologia e as mesmas características culturais.

3. Conclusão

Os Sítios Arqueológicos Piracanjuba e Ragil II foram habitados na pré-história por grupos horticultores-ceramistas da cultura Guarani. Em linhas gerais, uma análise comparativa entre os dois sítios demonstra que a tecnologia de lascamento das duas indústrias é semelhante. Em ambos os sítios foram produzidas peças simples, com funções para o corte utilizadas na dieta dos povos agricultores em questão. Esse indício mostra que as pedras lascadas no Vale do Paranapanema podem ter sido utilizadas com a função de corte. Fato que pode ter ocorrido amplamente na região.

A pesquisa etnográfica esclareceu que a base alimentar desses povos demandava peças como as dos conjuntos analisados. A descrição da utilização dos artefatos líticos de grupos Guarani, nas fontes etnográficas, apresentaram a mesma função que desempenharam (ou desempenhariam) as peças analisadas dos Sítios Piracanjuba e Ragil II.

Acreditamos que o resultado mais importante tenha sido demonstrar a relevância de líticos lascados no contexto de sítios cerâmicos no vale do Rio Paranapanema. Isso foi possível a partir do uso de uma metodologia de abordagem tecnológica e de uma investigação que privilegiou a função e não a forma dos objetos.

Os líticos de grupos ceramistas, a princípio, podem parecer irrelevantes, instrumentos de um povo que não dominava a técnica de lascamento. No entanto, podemos avaliar, graças à análise, a leitura de estudos sobre tecnologia lítica de grupos caçadores-coletores e horticultores-ceramistas e do auxílio das fontes escritas, que os líticos lascados desses ceramistas eram os melhores, os mais eficientes para o tipo de alimentação que tinham.

Consideramos um erro descartar a análise aprofundada de líticos de grupos ceramistas só porque não são tão freqüentes como a cerâmica e aparentemente não tão elaborados quanto o lítico de grupos caçadores-coletores. A utilização da pedra nesses contextos realizou eficazmente sua função.

O lítico tal como a economia passou por processos de transformação e juntamente com a cerâmica correspondeu a uma evolução tecnológica da sociedade. Ora, a atividade agrícola representou uma mudança muito significativa na economia desses povos. E é claro que o material lítico acompanhou essa mudança. Ele continua sendo necessário, mas agora para desempenhar outras funções que devem ser investigadas. Pois todo objeto técnico é a melhor solução possível para as necessidades que cada grupo se depara no tempo e no espaço. Por outro motivo, não existiriam e não seriam encontrados nos sítios arqueológicos de maneira tão representativa.

Ao invés de pensarmos em perda da técnica, podemos pensar em aprimoramento da técnica, em gestos predeterminados para funções específicas, como a escolha da matéria-prima mais apropriada, a preparação do núcleo e a busca do ângulo perfeito para a retirada da lasca. Dessa forma, entendemos que se os elementos estão presentes é porque tiveram algum significado no comportamento de quem os utilizou. Por isso, não se deve desprezar ou deixar em segundo plano qualquer vestígio material que possa gerar informações sobre os hábitos dos homens pré-históricos.

Os resultados da análise demonstraram que os artesãos das peças analisadas detinham o conhecimento tecnológico indispensável para fazer os objetos de que precisavam. Ao se considerar que os objetos são de ocasião, sem emprego de técnica elaborada pode-se estar perdendo a oportunidade de conhecer as estratégias de produção e uso próprios desses instrumentos.

A partir da analogia entre a análise das indústrias líticas dos sítios e a pesquisa em fontes etnográficas, concluímos que os líticos lascados dos grupos humanos pré-históricos, da época do contato ou de período próximo chegada do europeu na região do vale do Paranapanema, lado paulista, apresentam o potencial indispensável para exercer as funções necessárias no preparo dos alimentos presentes em sua dieta alimentar. Dessa forma, defendemos que a forma simples nada atrapalhou na função dessas peças com gumes cortantes e potencial para raspar.

Esperamos ter contribuído com informações que somadas a pesquisas realizadas e as pesquisas futuras, na área de estudo, poderão gerar um quadro com aspectos dos povos que ocuparam a região do Vale do Paranapanema no passado. Longe de querer esgotar o tema, acreditamos que as idéias devem ser amadurecidas e retomadas com o tempo. E que o mínimo que se diga com alguma segurança, respaldado em diversas fontes e metodologias adequadas, é um grande avanço para os estudos regionais. De outra forma, corremos o risco de gerar informações fantasiosas que se assemelham mais a um romance que a um relato científico baseado em fontes confiáveis.

5. Bibliografia

AFONSO, M. C. Olhares diversos da arqueologia paulista: Caçadores-Coletores em São Paulo e as indústrias associadas. In: CONGRESSO DA SOCIEDADE DE ARQUEOLOGIA BRASILEIRA, 13, 2005, Campo Grande. **Anais do XIII Congresso da Sociedade de Arqueologia Brasileira**. p.31-40.

ARAÚJO, A. G. M. Peças que sobem, peças que descem e o fim de Pompéia: considerações sobre a natureza flexível do registro arqueológico. **Revista do Museu Paulista de arqueologia e Etnologia**, v.4, p. 45-53, 1994.

CALDARELLI, S. B. **Lições da pedra**: aspectos da ocupação pré-histórica no vale médio do rio Tietê.1983. Tese (Doutorado em Arqueologia) - Universidade de São Paulo, São Paulo. (TEC-ESP-TIP).

_____. A arqueologia do interior paulista evidenciada por suas rodovias. **Revista de Arqueologia**. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA, v. 14/15, p.29-55, 2001-2002.

CLASTRES, P. **A fala sagrada**: mitos e cantos sagrados dos índios guarani. Campinas: Papyrus, 1990.

DE BLASIS, P. A. **Bairro da serra em três tempos**: arqueologia, uso do espaço regional e continuidade cultural no médio Vale do Ribeira. 1996. Tese (Doutorado em arqueologia) – Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Arqueologia - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

DIAS, A.S. **Sistemas de Assentamentos e Estilos Tecnológicos**: uma proposta interpretativa para a ocupação pré-colonial do Alto Vale dos Sinos. 2003.327f.Tese (Doutorado em Arqueologia)- Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

DIAS, A. S.;HOELTZ S. E. Proposta metodológica para o estudo das indústrias líticas do sul do Brasil. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.21, n.25, p.21-62, mar. 1997.

DIAS, A. S.;HOELTZ S. E. Havia uma pedra no meio do caminho: indústrias líticas das tradições Taquara e Guarani na região do Alto Rio dos Sinos. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, v.26, n.35/36,p.181-214, jan./dez. 2002.

FACCIO, N. B. **O Estudo do Sítio Arqueológico Alvim no Contexto do Projeto Paranapanema**. 1992. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo.

FOGAÇA, E. **Mãos para o pensamento**: A variabilidade tecnológica de indústrias líticas de caçadores-coletores holocênicos a partir de um estudo de caso: as camadas VIII e VII da Lapa do Boquete (Minas Gerais, Brasil – 12.000/10.5000 B.P) 2001. 452 f. Tese Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

_____. O Estudo Arqueológico da Tecnologia Humana. In: **Revista Habitus**. Goiânia, IGPA/UCG v. 1, n.1, p.261-273 jan./jul.2003.

_____. Um objeto lítico. Além da forma, a estrutura, No prelo In: **Revista Canindé**, n.7, jul. 2006.
GRACE, R. **O enfoque “chaine opératoire” para análises líticas**. 1996.

HOELTZ, S. E. **Tecnologia Lítica: Uma proposta de leitura para a compreensão das indústrias do Rio Grande do Sul, Brasil, em tempos remotos**. 2005. 424 f. Tese (Doutorado Internacional de Arqueologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p. 101-135.

LEROI-GOURHAN, A. **Terminologia da pedra e do osso**. In: LEROI-GOURHAN, A. Pré-História. São Paulo: Pioneira, editora da Universidade de São Paulo, 1981. Tradução de Josefa Uratsuka e Caio Del Rio Garcia.

LUGON, C. **A república “comunista” cristã dos guaranis**. 3 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

MAUSS. M. **Manual de Etnografia**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1993.

MONTEIRO, J. M. **Os guaranis e a história do Brasil meridional**. In: CUNHA, M. Histórias do Índios do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, Secretaria Municipal de Cultura, FAPESP, 1992.p.475-500.

MONTOYA, A.R. **Tesoro y vocabulario de la lengua guarani**. Leipsig: J. Platzman, s.d.
_____. **La conquista spiritual Del Paraguai**. 1999.

MORAIS, J.P. Projeto Paranapanema: avaliação e perspectiva. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v.24, p.142-147, 1990.

_____. A utilização dos afloramentos litológicos pelo homem pré-histórico brasileiro: análise do tratamento da matéria-prima. **Coleção Museu Paulista**, São Paulo, v.7, p.212, 1983.

_____. **Perspectivas Geoambientais da Arqueologia do Paranapanema Paulista**. 1999. 239 f. Tese (Livre Docência em Arqueologia) - Museu de Arqueologia e Etnografia da Universidade de São Paulo, São Paulo.

NIMIENDAJU, C.U. **As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos apapucuva-guarani**. São Paulo: Hucitec, editora da Universidade de São Paulo, 1987.

NOELLI, F. S. **Sem tekhoa não há tekó**: em busca de um modelo etnoarqueológico da aldeia e da subsistência guarani e sua aplicação a uma área de domínio do delta do Jacuí, Rio Grande do Sul. Porto Alegre: Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, 1993. 585p. (Dissertação de Mestrado em Arqueologia).

NOELLI, F.S.; DIAS, A. S. Complementos históricos ao estudo funcional da indústria lítica guarani. **Revista do CEPA**, Santa Cruz do Sul, n.19 (22), p. 7-23, mar. 1995.

PROUS, A. **Arqueologia brasileira**. Brasília: 1992. 613 p.

_____. Alimentação e "Arte" Rupestre: nota sobre alguns grafismos pré-históricos brasileiros. **Revista de Arqueologia**. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA. v. 6, p. 1-13. 1991.

PROUS, A.; FOGAÇA, E.; ALONSO, M. As últimas indústrias líticas do vale do Peruaçu, MG. **Revista de Arqueologia**. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA. v. 8, n, 2, p.49-86. 1994/95.

SALVIA, L; BROCHADO, J. P. **Cerâmica Guarani**. Porto Alegre: Posenato Arte e Cultura, 1989.

SCATAMACCHIA, M C. M. Etno-história e interpretação arqueológica: a documentação textual para o estudo dos grupos tupi e guarani. **Revista de Arqueologia Americana**, México, v.11, p.79-102, 1996.

_____. **Tentativa de caracterização da Tradição Tupiguarani** (Mestrado em Antropologia Social) – faculdade de Filosofia e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo.

SCHADEN, E. **Aspectos fundamentais da cultura guarani**. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1962.

SCHMITZ, P. I.; GAZZANEO, M. O que comia o guarani pré-colonial. SOCIEDADE BRASILEIRA DE ARQUEOLOGIA. **Revista de Arqueologia**. v. 6, p.90-107. 1991.

SILVA, F.A. **As tecnologias e seus significados**: um estudo da cerâmica dos Asurini e da cestaria dos Kayapó Xikrin sob uma perspectiva etnoarqueológica 2000, 244p. Tese (Doutorado

em Antropologia Social) – Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SOARES, A. L. R. **Guarani**: organização social e arqueologia. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1997. 256 p.

TIXIER, J.; INIZAN.M. L.; ROCHE, H. **Préhistoire de la pierre taillé 1: terminologie et technologie**. Valbonne, Cercle de Recherches et d'Etudes Préhistoriques, 120 p. 1980.

VIANA, S. A. **Variabilidade Tecnológica do Sistema de débitagem e de confecção dos instrumentos líticos lascados de sítios lito-cerâmicos da região do Rio Manso/MT**. 2005. 348 f. Tese. vol. 1 (Tese em Arqueologia) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre. p. 45-96.